

O forró político do bloco Pisa na Fulô: carnaval e posicionamento

Wednesday 21 May 2025 16:05 (20 minutes)

Na esteira do renascimento do Carnaval de Belo Horizonte, surgiu o primeiro bloco de forró do Brasil. Fundado em 2014, o Bloco Pisa na Fulô tem a proposta de trazer para as ruas da capital mineira a junção do carnaval com o forró, gênero musical menos presente na folia que outros ritmos como o samba e o axé. O Pisa, tal como outros blocos que encabeçaram esse renascimento, é um desdobramento do movimento por ocupação e revitalização do espaço público que trouxe para as avenidas e para as redes sociais pautas políticas como feminismo, LGBTQIA+fobia, preservação ambiental, anti racismo, etc. O forró do Pisa na Fulô nasceu político, inclusive incentivando a vacinação durante a pandemia e se colocando contra a reeleição da extrema-direita. Na época das eleições de 2022, em todos os shows de MPB que eu ia, os artistas declaravam seu voto e o público vibrava “fazendo o L”. Porém, com exceção do Pisa, nos eventos de forró no Sudeste, a ausência de posicionamento me chamou a atenção. Para o historiador Carlo Ginzburg, as ausências são grandes indícios. Então comecei a me perguntar: por que o forró parece não se implicar em questões políticas e partidárias? Por mais que as letras falem de questões sociais, como o retirante, a seca e a pobreza, os representantes do forró historicamente não tiveram uma posição clara de enfrentamento ao status quo, nem de engajamento, como foi na MPB. Vale lembrar a querela entre Gonzaga e Gonzaguinha, na qual o filho, contrário ao golpe, cobrava um posicionamento mais firme do pai em relação à ditadura militar. Gonzaga tinha sido militar em 1930 e, ao longo dos anos, fez jingles políticos à esquerda ou à direita, apoiando quem estava no poder - e apesar disso, teve músicas proibidas e censuradas pela ditadura. Há quem diga que Gonzaga apoiou a ditadura, embora alguns biógrafos prefiram usar o termo “acomodado” ao invés de “colaboracionista” ou “reacionário” (OLIVEIRA e SANTOS, 2021, p.73). O “rei do baião” primava pela “incoerência e absoluta falta de consciência política”, diz uma biografia (DREYFUS, 1996, p. 261). Era alguém tradicionalmente associado aos governantes da ocasião, sempre com o objetivo paternalista de conseguir investimentos do governo para o Nordeste (OLIVEIRA e SANTOS, 2021, p.64). Da mesma forma, quando Sivuca volta pro Brasil em 1964, sua biógrafa diz que *“Esse tipo de posicionamento musical, ao mesmo tempo engajado e confuso, não encontrava eco em Sivuca. Era pra ele impossível se identificar com as mais recentes reviravoltas que a música popular brasileira estava gestando”* (BARRETO, 2011, p. 250)

Será que podemos dizer que há uma acomodação política no forró pé de serra?

Através da minha vivência como sanfoneiro do Pisa na Fulô, por meio da etnografia e da sociologia da música, falaremos das peculiaridades dessa fusão do forró, do carnaval e da política. Em seguida, com análise das letras e diálogo com outros estudos, a proposta deste trabalho é ser uma reflexão histórica do forró enquanto posicionamento.

Estudante de programa de pós-graduação?

sim

Author: TEIXEIRA SILVA, Max Hebert (Mestrando em Artes - PPGARTES - UEMG)

Presenter: TEIXEIRA SILVA, Max Hebert (Mestrando em Artes - PPGARTES - UEMG)

Session Classification: Comunicações

Track Classification: Comunicações (geral)